

O jogo do azar

O TUFÃO vinha baptizado de origem: Springboks. Estava localizado nas zonas setentrionais da União Sul-Africana mas subitamente lançou-se na direcção norte-sul e abateu-se sobre a Inglaterra. Como se sabe e consta dos noticiários, já fez até agora estragos avultados em duas cidades do Reino, com grande alarme da opinião pública e milhares de libras de investimento em dispositivos de segurança.

Springboks no Who's Who desportivo não passa de uma designação clubista. Como o Everton ou como o Ajax; como a Académica, por exemplo. Podia ser, até, a marca (made in South Africa) de um detergente para lavar mais branco. Ou a de um cosmético para valorizar o tom da pele porque não? A verdade, porém, é que de palavra inofensiva passou a ter cotação internacional de nome maldito como acontece com o de certas mulheres quando a meteorologia lança mão deles para identificar os furacões. Furacão Dionne, furacão Laura, etc.

Este, o Springboks, verdadeiro tufão, passou o Equador à velocidade de jacto de 900 km/hora e à altitude de 9 mil metros, fez paragem no aeroporto de Londres e preparou-se para arrasar as zonas altas do desporto britânico.

TROCA DE SUPERSTIÇÕES

O público britânico é que já tinha tomado providências. Desde 1880 — conforme rezam os arquivos — as competições desportivas com a África do Sul registam à margem certas irreverências que agora, Novembro de 1969, corriam o risco de se repetir. Os jornalistas lembraram, e continuam a lembrar, algumas manchas negras do livro branco sul-africano em que a maior e a mais recente era a do célebre caso do campeão de «cricket» D'Oliveira, britânico mas mestiço e com a ficha ilustrada por uma enorme constelação de medalhas. Na altura o escândalo deu brado. Os cérebros desportivos do dr. Vorster não se comoveram com as medalhas gloriosas do cidadão britânico mas mestiço, e cortaram-lhe a entrada nos estádios. Os seleccionadores de mr. Wilson protestaram para Johannesburgo e, carta vai, carta vem, resultado: os ingleses tiveram de prescindir da sua vedeta de primeiro plano (mestiça, acrescenta-se o parêntese).

No seu entender, superstições eram superstições e se os *afrikaners* lá tinham essas bizarras, eles, britânicos, respondiam-lhes com uma outra, muito querida, que era a superstição da harmonia da Comunidade. E cederam. Deve ter sido assim.

O caso D'Oliveira ainda não tem um ano — mas há mais, há mais, bradam agora por toda a parte os comentadores de *pub* e as vozes da televisão. E começam por sublinhar que, já no fim da segunda guerra mundial, os sul-africanos tinham recusado o visto à equipa de honra neozelandesa, uma vez que parte dela era constituída por jogadores maoris. «Senhores», grita na primeira página o circumspecto e bem informado «New Statesman», «o *apartheid* não é um jogo!»

O CALCANHAR DE AQUILES

Mas foi. Neste Novembro luminoso do ano de 69, o calendário desportivo ordenou mudança de campo e assim coube a vez aos jogadores do dr. Vorster de visitarem a Ilha-Mãe. Novas saudações, novas equipas, o trunfo agora era o *ruguebi* e não o «cricket» que o mártir D'Oliveira tinha maculado com o seu sangue. Tudo a postos, por-

tanto. O Springboks alinhou diante dos rapazes do Oxford University, todos brancos, todos de pronúncia insuspeita, tudo, enfim, dentro das boas regras e sem a menor mancha a destoar. A Union Jack tremulava nos mastros do estádio, num céu aberto e sereno. (Mas frio).

De repente os leitreiros Springboks começaram a distorcer-se, a turvar-se, a assumir proporções de insulto. Os céus carregaram-se, a multidão, enfurecida, tentou invadir o campo; urros e cartazes de protesto fizeram o cenário deste encontro desportivo que, no que respeita aos jogadores, lá conseguiu decorrer com a calma possível numa competição em que o pontapé e o corpo-a-corpo são as armas de lei. Mas o calcanhar de Aquiles, nos rapazes do «Springboks», era o «Apartheid» e por isso não remataram com a eficiência necessária. Ganharam, como se diz moralmente — isto é, com menos pontuação que o adversário.

O acontecimento tem a sua explicação. Lógica e historicamente compreende-se, e não é preciso recorrer a fenómenos de refração da luz (como no caso de alguns milagres) para descobrir por que motivo os ânimos exaltados leram «Apartheid» onde estava simplesmente Springboks.

Injustiça? O seleccionador sul-africano acha que sim: cada país tem as suas leis e há que respeitá-las. Por outras palavras, desporto é desporto e «apartheids» à parte. E é isso que manda a boa educação, acrescentaria um associado à portuguesa, bem pensante e com as quotas em dia.

De resto, pergunto eu, não foi esse mesmo princípio que levou a Checoslováquia e a União Soviética a enviarem os seus embaixadores desportivos à Grécia? Então?

Não, não há dúvida que os olímpicos do «Springboks» têm os seus argumentos. Até porque segregar o «Apartheid» corresponderia a fazer outro «apartheid» e, nesta cadeia de «apartheids» dos «apartheids», onde é que o nosso mundo iria parar?

Olhem, agora é em Leicester. Duas mil pessoas a protestar. Ovos e tomates a cruzarem o campo, 5 mil libras de despesa em reforços de segurança, todos os canais da televisão a postos, milhões de pessoas especadas diante dos «écrans», e que coisa, que coisa, onde está o tradicional brio desportivo?

OS CAPITULOS ESSENCIAIS

Hoje o homem medianamente informado não ignora o poder de penetração dos espectáculos de massa com vistas a criar a imagem colectiva de um produto. Está escrito nos manuais da publicidade elementar, faz parte da técnica mais simples da promoção de vendas, conhecer-se um princípio que a política adoptou na sua estratégia — os Estados Unidos, como exemplo limite — com cortejos de «majorettes» e bandas de circo em período de propaganda eleitoral. Paralelamente, as paradas militares, em todo o seu esplendor espectacular e na sua comunicação específica com as massas (música, ritmo, movimento geométrico, exercícios em parada, estandartes, etc.) visam à criação de um sentimento colectivo de prestígio e de confiança.

Assim também no desporto. O movimento internacional das embaixadas do futebol ou de qualquer competição de grande público é, para além da acção especificamente desportiva, uma representação de prestígio nacional e da importância das estruturas de cada país. Uma imagem de marca, para usar a terminologia do «marketing».

Dai a cotação política do fenómeno Desporto em todas as sociedades contemporâneas. «Herr» Goebles conhecia-a e não é difícil recapitularem-se as vantagens que tirou dos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 na propaganda de uma raça sadia de que faria argumento de guerra, pouco depois. Nem talvez esteja ainda esquecido o famoso acesso de fúria de Hitler quando abandonou o estádio por terem sido atribuídas quatro medalhas de ouro ao negro americano Jesse Owens. Trinta anos mais tarde seriam outros negros e também americanos que, por razões muito mais objectivas, exerceriam o seu «protesto olímpico», no México. E poucos meses sobre isso, assistir-se-ia à Guerra do Futebol entre duas repúblicas latino-americanas, como demonstração final e inequívoca do aproveitamento, até às últimas consequências, de uma dada psicose desportiva.

Os estetas do totobola passam certamente por alto estes capítulos essenciais ou lamentarão, como todos nós lamentamos, que o «encontro dos povos na competição sadia e generosa» seja tantas vezes espoliado da sua pureza inicial. Mas foi Hitler quem deturpou a saudação olímpica e a confundiu com a dos seus guerreiros...

Entretanto, o Springboks continua em «tournée» e a perder na terra de Shakespeare.

LONDRES — Novembro

José Cardoso Pires

